

Sobre a montagem (por Renato Del Campão*)

“**Quem Tem Medo de Itália Fausta?**” foi escrita pela dupla de atores Miguel Magno e Ricardo de Almeida em 1979, e permaneceu oito anos em cartaz com ambos. O sucesso da peça, um marco da linguagem cômica nos anos 80, possibilitou inúmeras montagens no Brasil e no exterior.

A atual montagem da Teatofídico acontece 32 anos após sua criação. Legítimo representante da renovação da comédia nacional (que recebeu involuntariamente o rótulo de “besteirol”), o texto é dividido em inúmeros esquetes desordenados e, aparentemente, sem relação entre si - marca registrada do teatro do absurdo e do *non-sense* - com base no referencial de Eugene Ionesco ou Alfred Jarry. O título é uma homenagem a mais famosa atriz trágica brasileira, Itália Fausta, que foi eternizada e comparada a Sarah Bernhardt, por sua capacidade dramática.

A primeira parte da peça, “**A Atriz e o Ponto**”, sugere uma sequência de pequenos quadros demonstrativos de estilos: tragédia patética, *vaudeville*, drama de costumes, fantasia psicológica, delírio romântico, drama carcerário existencial e farsa metafísica. Um ator se desdobra nas sete mulheres, tudo isso apresentado e dirigido por um coach (ensaiador e mestre de cerimônia), sempre de maneira *over acting*.

À seguir, “**A Importância dos Monossílabos e das Interjeições Átonas do Dialeto Javanês, na Literatura Dramática de Java, Durante os Últimos Quinze Dias do Século XII Antes de Cristo**”, apresenta duas professoras – Fanta Maria e Pandora - que prometem uma palestra sobre a linguagem e acabam se perdendo em devaneios.

No encerramento, “**O Candidato**”, texto mais enxuto, oferece a entrevista de um ator, candidato a um papel secundário - quase um figurante - submetido a uma longa entrevista desnecessária.

O desenrolar dos quadros de “**Quem Tem Medo de Itália Fausta?**” é atemporal, distante da localização tempo/espaço, e um painel vibrante do ofício de representar; dos mecanismos da atuação (seja superficial ou de conteúdo); e das armadilhas deste próprio mito teatral. Um exercício fantástico para dois atores/comediantes, secundados por um ator/contra-regra que encarrega-se de toda a costura coreografada, dessa comédia impagável e histórica, referencial do que é moderno produzido nos dias de hoje.

*Ator